

O P. FORMIGÃO E A 1ª APARIÇÃO DE FÁTIMA

Naquele ano de 1917, não se sabe quando o P. Formigão, então professor em Santarém, ouviu falar pela primeira vez dos acontecimentos passados na Cova da Iria, relacionados com aparições de Nossa Senhora a três pastorinhos. Segundo o seu próprio testemunho, Formigão começa a tomar contacto directo com Fátima só no dia 13 de Setembro. Numa crónica publicada no jornal *A Guarda* sobre a sua primeira visita à Cova da Iria fala abertamente da sua descrença na “sobrenaturalidade das aparições”: *Nessa data eu estava muito longe de partilhar semelhante convicção. Pelo contrario, regresssei de Fátima mais céptico do que nunca.* Tal confissão aparece na crónica sexta de “*Os episódios de Fátima*”, publicada dois anos mais tarde no referido periódico (11.10.1919). Antes desta primeira visita, é provável que Formigão tivesse ouvido falar das aparições ou lido o que alguns jornais (*O Século* ou *Diário de Notícias*) relatavam sobre o que ali se ia passando e que rapidamente chegou a todo o país.

De qualquer forma, o seu primeiro contacto foi tímido, reservado, distante, mais de cepticismo do que de devoto entusiasmo. Incumbido pelo representante do Patriarca de Lisboa, então no exílio, de seguir de perto o que se passava no local das aparições, o P. Formigão tomou uma atitude discreta, atenta, quase envergonhada. Nesse dia 13 de Setembro, manteve-se longe do local das aparições, ficando dominado pela constatação de quase nada ter podido observar.

Apesar da sua descrença inicial, Formigão regressou a Santarém com muitas interrogações, verdadeiramente impressionado com a afluência e a devoção do povo ao local das aparições. Uma tal manifestação despertou nele “um desejo cada vez mais vivo de perscrutar as causas de uma concorrência tão extraordinária de povo a um sítio ignorado dos homens, desprotegido pela natureza e perdido nos alcantis de uma serra”. Escorado no axioma filosófico de que não há efeito sem causa proporcionada, o Dr. Formigão resolveu “voltar de novo a Fátima para conhecer pessoalmente e interrogar detidamente os videntes” e outras testemunhas fidedignas sobre os episódios assombrosos verificados nos cinco meses precedentes. O móbil da atitude de Formigão era chegar à raiz do fenómeno extraordinário da atracção da Cova da Iria sobre as gentes. Tal impulso não é espontâneo, não parte de si próprio. Assim, no dia 27 Setembro 1917, a partir das três horas da tarde, Formigão encontra-se de novo em Fátima e Aljustrel para interrogar os pequenos videntes, na procura de uma verdade cujos contornos ainda ignora. Nos interrogatórios que se seguem até Novembro, é impressionante a minúcia com que ele dissecou os relatos dos três videntes.

A introdução ao Interrogatório de 11 de Outubro de 1917 reflecte já um estado de ânimo muito diferente, atento e aberto aos sinais de tais manifestações:

“Convencido da sinceridade absoluta das três crianças, que diziam ter visto cinco vezes Nossa Senhora, no local denominado Cova da Iria, (...) voltei pela terceira vez àquela povoação. Embora receasse que as crianças fossem vítimas de uma alucinação, hipótese que aliás tudo me fazia repelir, ou que os acontecimentos extraordinários que ali se realizavam fossem provocados pelo espírito das trevas para fins desconhecidos,

*no meu espírito ia-se radicando cada mais a convicção de que Fátima era o local destinado pela Rainha do Céu, Padroeira de Portugal, para teatro de novos prodígios da sua bondade e misericórdia”.*¹

A partir de então, no interior do P. Formigão e à volta dele, tudo vai ser diferente!

Vamos acompanhar o P. Formigão nos passos que deu no confronto com a 1ª aparição, seguindo seis pontos salientes dos seus escritos:

Veracidade dos pastorinhos à prova – tormento e alegria do P. Formigão

“Naquele memorável dia” – o evento

“Não tenhais medo” – a atitude dos pastorinhos

“Rezar o terço e fazer sacrifícios” – o conteúdo da mensagem

“Uma Senhora vestida de branco, mais brilhante que o sol” – a Senhora da visão

“Suave e místico encanto” – o eco das celebrações memoriais

Veracidade dos pastorinhos à prova

A preocupação do P. Formigão incide, antes de mais nada, em apurar a sinceridade das crianças e a verdade do conteúdo da mensagem da Visão. Era prioritário estabelecer a veracidade daquilo que os pastorinhos afirmavam em consonância com aquilo “que tinham visto e ouvido desde o mês de Maio”. Esta tarefa pesou sobre Formigão como uma missão divina, cuja incumbência o levou a interrogar várias vezes os três videntes (27.09; 11.10; 13.10; 19.10; 2.11; 3.11). Enquanto constatou uma certa insatisfação com as imperfeições e deficiências na ordenação das questões e respostas, Formigão voltou a interrogar as crianças até chegar à certeza moral da sua normalidade e da “realidade” da sua experiência mística. A urgência sentida por Formigão em recolher alguns dos depoimentos dos três pastorinhos acompanha a singularidade de terem sido escritos antes dos “*sucessos maravilhosos e imprevistos do dia 13 de Outubro*”.

No mesmo período, outros interrogaram os videntes, alguns dos quais com delegação oficial (pároco de Fátima, Vigário de Porto de Mós, Vigário de Ourém), mas foram os de P. Formigão que marcaram as investigações e os relatórios sucessivos. A seguir ao primeiro interrogatório de Setembro, Formigão dedicou todo o mês de Outubro a aprofundar o conhecimento das pessoas de família e de outras, assim como do conteúdo dos factos relatados pelos pastorinhos.²

Depois de ter fixado as questões e as respostas dos interrogatórios, Formigão, no início do mês de Novembro, redigiu um *Estudo apologético* (3.11.1917) sobre os videntes de Fátima, onde prova a sua sinceridade e a verdade das suas declarações, eliminando todas as hipóteses de mentira e de formas de alucinação. Este estudo, que ficou truncado até ser integrado mais tarde no *Relatório da Comissão Canónica* (13.04.1930), sublinha o equilíbrio humano dos pastorinhos antes das visões, tal como Formigão as via, poucas semanas após a última aparição de Outubro:

¹ DCF 1, 100, doc.12.

² Cf. DCF 1, 3-336.

*“A treze de Maio, dia da primeira aparição, Lúcia e Jacinta, as duas crianças que dizem ter ouvido as palavras pronunciadas pela Aparição, contaram que o ente celeste que se lhes manifestara lhes tinha pedido que voltassem durante seis meses, de mês a mês. As crianças mostravam assim que se julgavam destinadas a gozar das suas visões ainda cinco vezes. Ora as alucinadas não fazem profecias sobre o que devem ver e ouvir, sobretudo profecias que se realizam: nunca se constatou que tivessem anunciado quantas crises alucinatórias haviam de experimentar. A sua persuasão absoluta, se tivessem alguma sobre este ponto, é que veriam sempre o que vêem e que não podem deixar de ver: nenhuma dívida tem entrada na sua alma, porque é o seu próprio organismo que forma a sua convicção. Além disso, para voltarem cada mês no dia treze ao mesmo local, como realmente sucedeu, foi preciso que as crianças tivessem uma lembrança muito nítida, uma docilidade perfeita, um sentimento exacto e claro do que tinham a fazer: cousas estas de que um alucinado não é capaz. Acresce que as crianças fizeram outras profecias, como por exemplo a relativa ao sinal de Deus e que se verificou no dia preanunciado. Convém ainda notar que a alucinação se produz em certas condições, cujo conjunto é indispensável. Para os videntes de Fátima, pelo contrário, sucedem nas circunstâncias mais variadas. Dir-se-á que é precisa aos jovens videntes a influência da multidão? Observemo-los a treze de Maio, o primeiro dia: eles estão sós”.*³

Quando as aparições começaram a ser divulgadas, foi fácil, naquela época dominada por um republicanismo anti-clerical primário, atacá-las e desmontá-las com razões pseudo-científicas, procurando eliminar tal fenómeno da opinião pública. Nas fileiras da própria Igreja reinava uma reserva soberana, uma desconfiança prudente. Uma das armas de ataque era a alucinação. Contra a gratuidade de tal hipótese se insurge Formigão, demonstrando, com minúcia, como os videntes eram estranhos a tal atitude e como eram psicologicamente equilibrados:

- Os pastorinhos anunciaram que iriam ter, mais cinco vezes, a aparição da Senhora. Ora, nunca se constatou que os alucinados tivessem anunciado quantas crises alucinatórias haviam de experimentar.

- As três crianças tinham uma lembrança muito nítida, uma docilidade perfeita, um sentimento exacto e claro do que tinham a fazer, nos dias treze de cada mês. Ora, tal equilíbrio psicológico é estranho ao alucinado.

- Aquando da 1ª aparição, a treze de Maio, os videntes estão sós, não sofrem a influência da multidão nem de circunstâncias que favoreçam a alucinação⁴.

O tempo intermédio entre os interrogatórios e a divulgação por escrito dos mesmos foi um período de crescimento imparável e espontâneo do fenómeno Fátima. Enquanto isso acontecia, Formigão “ruminava” o que via e ouvia, e por isso, decidiu publicar, apesar dos ventos contrários, em pequenos artigos e sob pseudónimo, os acontecimentos de Fátima, onde se reflecte a sua seriedade intelectual, o seu devoto entusiasmo pessoal e o seu acendrado sentimento patriótico. Formigão não parte das aparições em si, mas sim do impacto que o testemunho da visão dos pastorinhos estava a ter na multidão de peregrinos. É a partir deste efeito maravilhoso que ele remonta à

³ DCF 2,169, doc.9.

⁴ DCF 1,185-196, doc. 19.

causa maravilhosa das aparições para, por seu turno, se maravilhar também, procurando pôr em evidência o coração da Mensagem perante os devotos peregrinos.

Doravante, a partir de Setembro de 1917, o P. Formigão sentir-se-á vinculado indissolúvelmente a Fátima. Pelas suas atitudes e pelo legado extraordinário dos seus escritos, a história de Fátima não se fará sem o seu contributo. Paradoxalmente, ao seu entusiasmo inicial não se seguirá uma rápida aprovação. Haverá intervalos, adiamentos, compassos de espera, ditados pelo ritmo de ocupações da sua vida de professor e de capelão, e ainda pelas urgências da pneumónica e do socorro aos pobres. Apesar de ele pertencer a uma diocese diferente, o bispo de Leiria viu nele um ponto de referência fundamental e, quando se tratou da aprovação do culto em Fátima, este preferiu esperar, a renunciar às declarações e informações do P. Formigão.

Ao fim de um ano, começa a publicação de “*Os episódios de Fátima*” até ao nr.6. Interrompidos por causa da pneumónica, aqueles são retomados, logo que possível, com o subtítulo “Dois anos depois” (nr. 7-12). No nr.10 dos *Episódios* anuncia que, proximamente, dirá “alguma coisa acerca das nossas impressões do dia 13 de Maio de 1920, que a inesperada proibição da autoridade veio pôr em destaque, produzindo efeito contraproducente”.⁵ A crónica nr.11 acerca da sua viagem até Fátima, inicia assim: “Cheguei no dia 13 de Maio último, de madrugada, a Vila Nova de Ourém...”

Dos três videntes, foi com Lúcia, a mais crescida e “a principal protagonista”, que aprofundou as questões que se punham. Com os seus escritos, Formigão antecipa a divulgação daquilo que a vidente, mais tarde, confirmará nas suas *Memórias*. Escritas a pedido do bispo de Leiria, a partir do ano de 1935, as *Memórias* da Lúcia não só confirmam, mas completam ainda aquilo que ela tinha revelado ao P. Formigão, além de reflectirem uma serena e acrescida maturidade pessoal.

A propósito da qualidade da principal testemunha e vidente Lúcia, interrogada oficialmente mais tarde, escreverão os autores do *Relatório da Comissão Canónica*, dos quais fazia parte Formigão:

*“De cada resposta da vidente, de cada afirmação sua, ressalta, com uma evidência dominadora, a sinceridade das suas declarações, a verdade do seu depoimento. Exprime-se com uma serenidade, uma calma, uma simplicidade, um acento de firmeza e de convicção tão íntima, e ao mesmo tempo com uma humildade tão grande, como se se tratasse de cousas que não lhe dissessem respeito”.*⁶

Em 8 de Julho de 1924, Lúcia de Jesus é objecto de interrogatório oficial, feito no Asilo de Vilar, Porto, tendo então a idade de 17 anos. Com autorização dos bispos de Leiria e do Porto, Lúcia é interrogada pelo P. Manuel Nunes Formigão e P. Manuel Marques dos Santos, acompanhados do notário P. Manuel Pereira Lopes acerca dos factos ocorridos na Cova da Iria em 1917. Interpelada, Lúcia descreve minuciosamente o que aconteceu naquele dia 13 de Maio de 1917, confirmando apenas tudo quanto já tinha referido às autoridades eclesiásticas.⁷

⁵ *Os episódios*, 57.

⁶ DCF 2,207, doc.9.

⁷ DCF 2, 137-146, doc 8.

“Naquele memorável dia”

A primeira aparição, como tal, no mês de Maio, não emerge de modo particular nos interrogatórios do Con. Formigão nem nos seus artigos sobre Fátima. A referência ao 13 de Maio aparece como uma baliza ou como o ponto de partida para algo de novo e inesperado. Daí a sua importância. Na introdução ao 1º interrogatório de Francisco, Formigão escreve:

*Principiei, sem demora, a interroga-lo sobre o que tinha visto e ouvido desde o mês de Maio último, na Cova da Iria, no dia 13 de cada mês.*⁸

E no 1º interrogatório da Jacinta, a 1ª pergunta é introduzida assim:

Tens visto Nossa Senhora no dia 13 de cada mês, desde Maio para cá?

A referência ocorre naturalmente, apenas por ser o início de uma série de seis, não tanto pelo conteúdo em si. A aparição de Maio foi o pórtico de um caminho até Outubro, que os videntes, sobretudo Lúcia, descreveram repetidas vezes, enchendo de entusiasmo e alegria o coração do P. Formigão. Aquilo que Formigão escreverá sobre a 1ª aparição tem como base, sobretudo, os relatos repetidos da vidente Lúcia.

Eis como Formigão, ao descrever “as Aparições de Fátima”, fala da 1ª aparição a partir dos testemunhos dos videntes, muito antes dos textos de Lúcia.

Na manhã do dia 13 de Maio de 1917, um menino e duas meninas andavam apascentando, como era seu costume, um pequeno rebanho de ovelhas pertencentes a suas famílias, numa propriedade da serra de Minde, situada na freguesia de Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém, distrito de Santarém.

A mais velha das três crianças, de nome Lúcia de Jesus, era filha de António dos Santos, que faleceu no ano seguinte, e de Maria Rosa dos Santos, e contava dez anos de idade. O menino e a outra menina, que eram irmãos, chamavam-se Francisco e Jacinta, tendo aquele nove anos e esta sete anos de idade. Foram seus pais Manuel Pedro Marto e Olímpia de Jesus Marto. Eram primos da Lúcia.

As habitações das duas famílias, que, não sendo ricas, possuíam contudo alguns bens de fortuna, ficavam próximas uma da outra no lugar de Aljustrel, a cerca de um quilómetro da igreja paroquial de Fátima. Nenhuma das crianças sabia ler nem escrever. A sua instrução religiosa era ainda muito rudimentar. Só a Lúcia tinha feito a primeira comunhão.

Aproximava-se naquele memorável dia a hora do meio-dia astronómico. Segundo o seu costume, as três crianças, depois de se terem ocupado durante bastante tempo nos seus inocentes divertimentos, puseram-se a rezar o terço do Rosário, devoção muito querida dos habitantes daquela freguesia. Apenas tinham acabado de o recitar, quando viram de repente brilhar no espaço, a pequena distância delas, a claridade fulgurante de um relâmpago e aparecer quase simultaneamente, sobre a copa de uma azinheira, um vulto radioso e encantador de mulher, de extraordinária beleza. Assustadas com um sucesso tão insólito e tão inesperado, pensaram em fugir, mas logo as tranquilizou completamente a atitude benévola da aparição, que numa voz dulcíssima prometeu que não lhes faria mal algum.

⁸ Os episódios, 13.

A aparição parecia não ter mais de dezoito anos de idade. O vestido era de uma alvura puríssima de neve, assim como o manto, orlado de ouro, que lhe cobria a cabeça e a maior parte do corpo. O rosto, de uma nobreza de linhas irrepreensível e que tinha um não sei quê de sobrenatural e divino, apresentava-se sereno e grave e como que toldado de uma leve sombra de tristeza. Das mãos, juntas à altura do peito, pendia-lhe, rematado por uma cruz de ouro, um lindo rosário, cujas contas, brancas de arminho, pareciam pérolas. De todo o seu vulto, circundado de um esplendor mais brilhante que o sol, irradiavam feixes de luz, especialmente do rosto, de uma formosura impossível de descrever e incomparavelmente superior a qualquer beleza humana.

Entre a aparição e a Lúcia estabeleceu-se um diálogo, que durou cerca de dez minutos. A Jacinta via a aparição e ouvia distintamente as palavras que ela pronunciava dirigindo-se a Lúcia, mas nunca lhe falou nem a aparição lhe dirigiu a palavra. O Francisco só via a aparição, não ouvindo nunca o que ela dizia à Lúcia, apesar de se encontrar à mesma distância e de possuir um excelente ouvido. A aparição convidou nesse dia os três pastorinhos a voltarem todos os meses no dia 13, durante seis meses consecutivos, àquele local, vulgarmente conhecido pelo nome de Cova da Iria e situado a pouco mais de dois quilómetros da igreja paroquial de Fátima, ao lado da estrada distrital de Vila Nova de Ourém à Batalha.

A princípio ninguém prestava crédito às afirmações das crianças, que eram apodadas de mentirosas por toda a gente, mesmo pelas pessoas de suas famílias (...).⁹

Mais tarde, também o Relatório da Comissão Canónica (abril de 1930) é introduzido por uma narração centrada na 1ª aparição, retomando textos já divulgados do P. Formigão. Literariamente composto para o efeito, o texto do Relatório reflecte o cunho do seu autor na elaboração da fixação da narrativa da 1ª aparição e pode afirmar-se como a primeira história crítica de Fátima.¹⁰

As três crianças, como era seu costume, rezaram o terço em comum, e depois puseram-se a fazer uma casa em miniatura, servindo-se para isso das pedras soltas que havia em grande abundância no local, como há quase por toda a parte na serra de Aire. De repente, um relâmpago, de luz viva e brilhante, sulcou o espaço. As crianças suspenderam o seu entretenimento e olharam admiradas para as alturas. O céu estava diáfano e sem nuvens, não soprava a mais leve brisa e o sol brilhava em pleno zénite. Não obstante, a Lúcia convidou os primos a retirarem-se sem demora para casa, com o receio de que se desencadeasse alguma trovoada. Eles acederam sem relutância e todos três puseram-se a tocar o gado pela encosta abaixo.

Ao chegarem ao ponto, onde se encontra actualmente a primeira fonte, vêem fuzilar um novo relâmpago e, a poucos passos de distância, de pé sobre uma pequena azinheira, no sítio onde mais tarde foi erigida a capela das aparições, um vulto de Senhora bastante nova, de incomparável formosura. Assustadas com a inesperada aparição, as

⁹ *Os Episódios Maravilhosos de Fátima*, Guarda 1921, pp. 7-8; *Os Acontecimentos de Fátima*, Guarda 1923, pp. 7-10.

¹⁰ DCF 2, 159-258, doc.9.

crianças tiveram vontade de fugir e preparavam-se para isso, mas conteve-as um sinal da Senhora, que disse que não tivessem medo, porque não lhes fazia mal.

A Aparição parecia não ter mais de dezoito anos de idade. O vestido era duma alvura puríssima de neve, assim como o manto, orlado de ouro, que lhe cobria a cabeça e a maior parte do corpo. O rosto, duma nobreza de linhas irrepreensível e que tinha um não sei quê de sobrenatural e divino, apresentava-se sereno e grave e como que toldado duma leve sombra de tristeza. Das mãos, juntas à altura do peito, pendia-lhe, rematado por uma cruz, um lindo rosário, cujas contas, brancas de arminho, pareciam pérolas. De todo o seu vulto, circundado dum esplendor mais brilhante que o do sol, irradiavam feixes de luz, especialmente do rosto, duma formosura impossível de descrever e incomparavelmente superior a qualquer beleza humana. Entre a Aparição e a Lúcia travou-se um diálogo que durou cerca de dez minutos. A Aparição convidou as crianças a voltarem lá todos os meses, no dia treze, até Outubro seguinte, assegurando que no último dia lhes diria quem era e o que queria.¹¹

Ao fim de quatro anos, o P. Formigão divulga com um pequeno opúsculo a transmissão da história das aparições, numa tentativa de acompanhar o ritmo avassalador do fenómeno na opinião pública. Treze anos mais tarde, contribui para fixar o texto da versão oficial.

Embora não seja fácil separar a 1ª aparição das outras no universo fatimita do P. Formigão, talvez seja importante concentrar a atenção em alguns elementos, comuns e extraordinários, os quais assumem uma relevância particular na definição e no testemunho da experiência espiritual dos pastorinhos. Uns dizem respeito ao fenómeno da aparição ou visão da Senhora sobre a azinheira: luz, rosto, voz, vestido, terço, mensagem; outros visam, como nas visões bíblicas, os sentimentos dominantes nos três videntes: a surpresa, o medo, a alegria, a coragem; e outros ainda dizem respeito aos fenómenos extraordinários: nuvem, milagre do sol, êxtase, fonte, curas.

Nas suas *Memórias*, Lúcia testemunha aquilo que terá dito de viva voz ao P. Formigão, logo a seguir às aparições, mas revela também dados novos. Assim, logo na 1ª *Memória* (1935) acrescenta alguns pormenores. Ao fim do dia 13 de Maio, sobre as três crianças parece ter caído a responsabilidade de serem portadores de um mistério e o peso de se sentirem envolvidas numa missão cujos contornos lhes escapavam.

“Nessa mesma tarde – afirma Lúcia – absorvidos pela surpresa, permanecíamos pensativos”. O dia seguinte foi de meditação sobre o que tinham visto e ouvido da Senhora, com Jacinta a recordar os pontos essenciais. Dizia a Jacinta: “Hoje não quero brincar. Estou a pensar. Aquela Senhora disse-nos para rezarmos o terço e fazermos sacrifícios pela conversão dos pecadores”. E com ar de pensativa: “Aquela Senhora disse também que iam muitas almas para o inferno”.¹²

A descrição dessa aparição vem apresentada, mais tarde, na 4ª *Memória* (1941), com palavras mais explícitas, que manifestam melhor o conteúdo da mensagem da Senhora e que reflectem uma maturação espiritual do acontecimento de 1917:

¹¹ DCF 2,161-162, doc. 9.

¹² *Memórias da Irmã Lúcia*, Fátima 1976, p.26-27.

“Vimos de repente como que um relâmpago. É melhor irmos para casa!”

“Vimos outro relâmpago junto duma azinheira grande e vimos sobre uma carrasqueira uma Senhora vestida de branco, mais brilhante que o sol, espargindo luz, mais clara e intensa que um copo de cristal... Parámos surpreendidos pela aparição. Estávamos tão perto que ficávamos dentro da luz que A cercava ou que Ela espargia, talvez a metro e meio de distância mais ou menos. Então Nossa Senhora disse-nos:

- Não tenhais medo. Eu não vos faço mal.

- De donde é Vossemecê? — lhe perguntei.

- Sou do Céu.

- E que é que Vossemecê me quer?

- Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13 a esta mesma hora. Depois vos direi quem sou e o que quero. Depois voltarei ainda aqui uma sétima vez.

- E eu também vou para o Céu?

- Sim, vais.

- E a Jacinta?

- Também.

- E o Francisco?

- Também, mas tem que rezar muitos terços.

Lembrei-me então de perguntar por duas minhas amigas (...)

- Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

- Sim, queremos.

- Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.

Foi ao pronunciar estas últimas palavras (a graça de Deus, etc.) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então, por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente:

- Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.

Nossa Senhora acrescentou:

- Rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra.

Em seguida, começou-se a elevar serenamente, subindo em direcção ao nascente, até desaparecer na imensidade da distância. A luz que A cercava ia como que abrindo um caminho no cerrado dos astros, motivo por que alguma vez dissemos que vimos abrir-se o Céu.¹³

Encontramos nesta narração os elementos essenciais da Mensagem da Senhora, além de outros que reflectem uma posterior meditação e aprofundamento, que Lúcia não

¹³ Memórias 139.141.143.

estava em condições de poder fazer logo a seguir às aparições e que não podia ter comunicado ao P. Formigão, também por causa do vínculo do segredo.

Para o P. Formigão, a primeira aparição era tão importante como a última aparição, porque uma e outra assinalavam a irrupção de algo de novo, surpreendente, maravilhoso, como elos de uma cadeia misteriosa. Nesta perspectiva, os dados que conferem unidade a toda a Mensagem (oração pela paz e pela conversão dos pecadores; sofrimento aceite em reparação das ofensas a Deus) são recolhidos de todas as aparições, não da primeira. Logo que possível, Formigão expõe ordenadamente os elos dessa cadeia em artigos onde salienta as descrições dos pastorinhos e os seus diálogos com a Aparição, como a forma mais genuína de transmitir a realidade vivida na Serra de Aire. Só mais tarde, e antes da aprovação oficial do culto em Fátima, redigiu essa síntese dos acontecimentos em capítulos introdutórios das suas publicações sob o título de “Aparições de Fátima”¹⁴ ou de “A visão dos pastorinhos”¹⁵, onde tudo parece centrado “naquele memorável dia”.

Oscilando na designação entre *Aparição* e *Visão*, Formigão procura, por todos os meios ao seu alcance, estabelecer a veracidade das declarações dos pastorinhos, porque sem ela não era possível garantir a verdade de todas as aparições e o conteúdo de cada uma. Fundamentalmente, Formigão mostra que os pastorinhos falam do que “viram” e, se viram, é porque “algo” lhes apareceu.

Como para Formigão nada era secundário, ele presta igual atenção a todos os pormenores que “provem” a realidade da visão/aparição e a coerência das declarações dos três pastorinhos, desde a 1ª à última aparição, para se evitar a confusão com alucinação ou imaginação delirante. É a partir desta atitude fundamental que Formigão construiu a sua convicção inabalável da veracidade dos pastorinhos e deseja comunicar a todo o mundo a mensagem da Senhora, como sinal do amor de Deus à humanidade e como caminho de salvação. Imbuído da certeza de quem toca o divino, Formigão exulta com entusiasmo pelos dons de Deus manifestados mediante os três videntes de Fátima.

«*Não tenhais medo!*»

Depois da análise do facto da aparição, é importante constatar como Formigão lidou com o estado psicológico dos videntes.

A 1ª aparição acontece envolta na surpresa total. Nada estava preparado; nada se previa. Quando supunham ser um relâmpago, um aviso de tempestade, os pastorinhos confrontam-se com uma visão extraordinária sobre uma árvore familiar, uma azinheira entre outras. No momento em que iniciavam a retirada, os três são interceptados por uma Senhora mais brilhante que o sol. *Parámos surpreendidos pela aparição*. Próximos e imersos na luz da visão, mesmo apesar da surpresa, nenhum sinal se verifica neles de medo que os atemoriza ou imobiliza. Pelo contrário, Lúcia pergunta, naturalmente, sobre a proveniência da Senhora que falava e que brilhava e sobre o que pretendia deles.

¹⁴ *Os episódios maravilhosos de Fátima*, Guarda 1921; *Os acontecimentos de Fátima*, Guarda 1923.

¹⁵ *As grandes maravilhas de Fátima*, Lisboa 1927.

“*Eu sou do céu*” – foi a resposta e que se tornou na fonte da certeza inabalável dos pastorinhos.

No 1º interrogatório de Lúcia de 1917, o P. Formigão quer saber qual a atitude dos três em confronto com tão inesperada surpresa. Por isso, pergunta:

- *Da primeira vez que A viste, não ficaste assustada?*

- *Fiquei, e tanto assim que quis fugir com a Jacinta e o Francisco, mas ela disse-nos que não tivéssemos medo, porque não nos faria mal.*¹⁶

No interrogatório feito, a seguir, em 2 de Novembro, Formigão quer saber em pormenor o conteúdo do diálogo com a Senhora. Por isso, questiona:

- *Conta-me o que ouviste dizer à Senhora em Maio.*

- *Em Maio a Senhora disse que não tivéssemos medo, porque não nos fazia mal.*

*Perguntei-lhe de onde era e ela disse-me que era do céu. Perguntei-lhe o que queria e ela respondeu que fôssemos lá todos os meses, de mês a mês, e ao fim de seis meses dizia o que queria.*¹⁷

No interrogatório da Jacinta, com a mesma data, surgem as mesmas informações, sem referência alguma a medo ou intimidação.

- O que foi que disse a Senhora, da primeira vez que apareceu, no mês de Maio?

- *A Lúcia perguntou o que lhe queria e ela disse...*

- A Lúcia fez-lhe mais alguma pergunta?

- *Perguntou se ela ia para o céu e a Senhora disse que sim...*¹⁸

Mais tarde, no Interrogatório Oficial (1924), Lúcia conta a sua vivência daquele dia 13 de Maio de 1917, onde nem o episódio das ovelhas nos chicharos do vizinho a perturba. À mesma pergunta sobre o medo, responderá:

- *Durante ela não tive susto nenhum.*¹⁹

A convicção de que era realmente Nossa Senhora e que não se tinha enganado era tal que Lúcia pôde responder: “*Tenho a certeza de que A vi e de que não me enganei; ainda que me matassem, ninguém me faria dizer o contrário*”.²⁰

No Relatório da Comissão Canónica (1930), Formigão descreve assim o comportamento das crianças: “*Assustadas com a inesperada aparição, as crianças tiveram vontade de fugir e preparavam-se para isso, mas conteve-as um sinal da Senhora, que disse que não tivessem medo, porque não lhes fazia mal*”.²¹

Mais tarde, na 4ª Memória (1941) Lúcia explica melhor a natureza do temor sentido:

Então Nossa Senhora disse-nos: Não tenhais medo. Eu não vos faço mal...

¹⁶ *Os Episódios maravilhosos de Fátima*, Guarda 1921, 17.

¹⁷ DCF 1,168, doc.17.

¹⁸ DCF 1,172, doc.17.

¹⁹ DCF 2,139, doc.8.

²⁰ DCF 2,145, doc.8.

²¹ DCF 2,162, doc.9.

...já expus que o medo que sentimos não foi propriamente de Nossa Senhora, mas sim da trovoada que supúnhamos lá vir... As aparições de Nossa Senhora não infundem medo ou temor, mas sim surpresa...²²

Lúcia refere também que Francisco, pouco depois da 1ª aparição, subindo a um penedo onde ficou longamente a rezar e a pensar, em vez de medo manifestava uma serena comunhão de sentimentos com Deus. Perante a estranheza de Lúcia, ele respondeu com palavras surpreendentes, que, em vez de reflectirem inquietação nervosa, significavam uma terna “compaixão com Deus”: “*Estou a pensar em Deus que está tão triste por causa de tantos pecados! Se eu fosse capaz de lhe dar alegria!*”²³

Segundo estes testemunhos, em vez da sensação de medo, emerge o diálogo, simples, familiar, cordial, que se estabelece entre a aparição e os três, especialmente com Lúcia, porta-voz do grupo. Quanto à Senhora da aparição, trata-se de alguém que não esmaga, não aterroriza, antes conquista a confiança dos três e os põe numa atitude de sintonia com o divino que os interpela, os faz pensar e ter parte na “compaixão” de Deus.

Esta atitude amadurecida das crianças deve ter contribuído não pouco para convencer Formigão da veracidade dos pastorinhos e da veracidade dos acontecimentos da Cova da Iria. Em vez de medo, os videntes experimentaram alegria, confiança, afecto.

Aqui não se pode ignorar o cariz bíblico de tal recomendação. A razão para as crianças não terem medo, indicada pela Senhora, converge com o modo como a Bíblia introduz relatos de visões ou aparições: “*Não tenhas medo!*” (Abraão: Gn 15,1; Isaías: Is 7,4; Maria: Lc 1,30; José: Mt 1,20; apóstolos: Mc 6,50; Pedro: Lc 5,10; Paulo: Ac 18,9).

“Rezar o terço e fazer sacrifícios”

Um dos elementos nucleares das aparições é o terço. Desde a primeira aparição, este aparece nas mãos dos videntes, nas mãos da Senhora e nas palavras da visão. O terço impõe-se naturalmente como um sinal e como um espaço de vida de oração. Não sendo um dado especificamente novo, o terço ocorre nos interrogatórios aos pastorinhos e nos artigos do P. Formigão, ressaltando a recomendação da sua recitação todos os dias pela paz e pela conversão dos pecadores, com a introdução de uma jaculatória própria. Curiosamente, nos primeiros textos de Formigão, a recomendação da reza do terço não ocorre, porque ele, então, estava concentrado em estabelecer a veracidade dos factos das aparições.²⁴

As informações da Lúcia, recolhidas por Formigão a partir de Setembro de 1917, são esparsas pelas diversas aparições. Assim, em Junho, a Senhora “*recomendou-nos*

²² *Memórias* 143.

²³ *Memórias* 113.

²⁴ Cf. *Os Episódios Maravilhosos de Fátima*, pp. 7-8; *Os Acontecimentos de Fátima*, pp. 7-10; Relatório da Comissão Canónica, DCF 2,161-162, doc. 9.

que rezássemos o terço em honra de N. S. do Rosário, a fim de alcançar a paz para o mundo”.²⁵

Alem do terço, há um outro elemento, nuclear na mensagem de Fátima, que não se encontra nas primeiras crónicas das aparições, e que iria afirmar-se fundamental na proposta da Mensagem, assim como na espiritualidade e na missão do P. Formigão.

Na 2ª *Memoria*, escrita em Novembro de 1937, Lúcia aduz um complemento importante da 1ª aparição, e que os três tinham combinado nunca revelar. Fez isto parte do “segredo” inicial? Talvez por essa razão, por não o terem dito antes, tal formulação não aparece nas narrativas do P. Formigão.

“Depois de nos haver dito que íamos para o céu, a Senhora perguntou:

- Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

– Sim, queremos.

– Ides ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto”.²⁶

Na 4ª *Memória* Lúcia insiste, com as mesmas palavras, neste dado importante da mensagem da Senhora, presente logo na 1ª aparição.²⁷ Segundo esta versão, Lúcia refere, a seguir, o outro dado da mensagem da Senhora – o terço: *Nossa Senhora acrescentou: Rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra.*²⁸

A pergunta da Senhora aos videntes acerca da disponibilidade a *suportar os sofrimentos, em acto de reparação pelos pecados* põe-nos em confronto com um novo projecto de vida, introduzindo-os numa atmosfera insuspeitada e de difícil avaliação por parte de terceiros. A resposta pronta de Lúcia – *sim, queremos* – ao misterioso convite da visão é confirmada por uma promessa, que garante o conforto divino, definido em termos que tornam presente a experiência do apóstolo Paulo num momento de dura prova. *“Basta-te a minha graça”*, é o que o apóstolo ouve interiormente (2Co 2,9).

Perante as revelações de Lúcia, Formigão percebeu logo que uma aparição celeste não é o fim de si própria, mas anda sempre ligada a uma missão, uma mensagem, um segredo. Na sua raiz, o terço impõe-se como elo unificador dos acontecimentos de Fátima, mas a consciência do P. Formigão irá, mais tarde, insistir na prática da *Reparação* mediante a adoração eucarística, como um grande desafio.

Confrontado com estes dois elementos – *sacrifício e terço* – Formigão tornou-se o grande intérprete e porta-voz da mensagem de Fátima como eco evangélico da conversão e da oração. *Reparação*, pela penitência; oração, com o terço do rosário. A definição e proposição destes dois pilares da mensagem de Fátima ficou a dever-se, em grande parte, ao P. Formigão e doravante o seu itinerário de vida ficará pautado por estes dois pontos, não só no seu apostolado comum mas também como fundador da obra de *Reparação*. A 1ª aparição não é senão o pórtico de uma construção, onde os elementos do universo fatimita de Formigão surgem como um embrião que se deve explicitar e crescer e que estarão no centro da sua acção futura.

²⁵ DCF 1,57, doc.7.

²⁶ *Memórias*, 60.

²⁷ *Memórias*, 141.

²⁸ *Memórias*, 143.

Uma Senhora vestida de branco, mais brilhante que o sol

Como descreveram os pastorinhos a Senhora da visão? Como falaram dela ao Dr. Formigão? Este é um ponto muito aprofundado com toda a espécie de perguntas, como se vê pelos interrogatórios e pelas narrativas feitas por escrito. Passando por cima de tão minuciosos pormenores, há um aspecto que é importante aprofundar.

No 1º interrogatório da Lúcia, uma das perguntas de Formigão soa assim: “*Por que razão, não raro, baixas os olhos, deixando de fitar a senhora?*” Ao que Lúcia respondeu: “*É que ela às vezes cega*”. Mais do que surpreendentes, as palavras de Lúcia definem uma realidade não adequada ao olhar humano, uma dimensão superlativa de luz superior.

No interrogatório oficial (1924), Lúcia repete que sobre uma carrasqueira aparecera “*uma Senhora muito formosa, envolta num clarão mais brilhante que o sol*”, concluindo: “*Nisto desapareceu, subindo muito alto para o lado do Nascente*”.²⁹

Em 1935, na 1ª Memória, Lúcia testemunha o impacto da aparição da Senhora na vida dos três, salientando a beleza e o brilho da figura da visão. Incidindo a sua atenção nas reacções da Jacinta, afirma que esta exclamava com entusiasmo: “*Ai que Senhora tão bonita!*”, e porque aquela não pôde “*conter em si tanto gozo*”, acabou por quebrar o contrato dos três em guardarem segredo. Perante tal censura, Jacinta dirá com lágrimas nos olhos: “*Eu tinha cá dentro uma coisa que não me deixava estar calada*”.³⁰

A 4ª Memória (1941), a mais extensa de todas, contém ampla resposta às muitas questões então postas à vidente. Por um lado, confirma tudo quanto foi divulgado por Formigão acerca de *Uma Senhora vestida de branco, mais brilhante que o sol*. Por outro lado, em alguns aspectos, o relato de Lúcia ultrapassa-o. Escrita a partir de Outubro, esta memória, ao sublinhar a influência da 1ª aparição de N. Senhora nos três videntes, reflecte também um amadurecimento dum experiência não comum. Obedecendo ao pedido do bispo de Leiria, Lúcia evidencia sobretudo os ecos das aparições no Francisco, ou seja, o seu amor ao sofrimento, à reparação e à oração, logo a partir da 1ª aparição.

Particularmente significativo é o relevo dado, ao fenómeno da luz, em pleno dia, de tal modo que não se pode falar de aparição sem falar de luz!

“*Vimos de repente como que um relâmpago...*”

“*Vimos outro relâmpago junto dum azinheira grande e vimos sobre uma carrasqueira uma Senhora vestida de branco, mais brilhante que o sol, espargindo luz, mais clara e intensa que um copo de cristal... Parámos surpreendidos pela aparição. Estávamos tão perto que ficávamos dentro da luz que A cercava ou que Ela espargia, talvez a metro e meio de distância mais ou menos. (...)*

Foi ao pronunciar estas últimas palavras (a graça de Deus, etc.) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que

²⁹ DCF 2, 137-146, doc. 8.

³⁰ Memórias, 26.

delas expedía, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então, por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente: Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro (...)

A luz que A circundava ia como que abrindo um caminho no cerrado dos astros, motivo por que alguma vez dissemos que vimos abrir-se o Céu.

Os relâmpagos também não eram propriamente relâmpagos, mas sim o reflexo duma luz que se aproximava... propriamente, Nossa Senhora só A distinguíamos nessa luz, quando já estava sobre a azinheira... Quando dizíamos que sim, que A víamos vir, referíamos-nos a que víamos aproximar essa luz que, afinal, era Ela...³¹

Outro aspecto importante da experiência e da reflexão da Lúcia, de que Formigão não se faz eco, diz respeito às diferenças contrastantes da aparição do Anjo com as de Nossa Senhora. Antes da narração da 1ª aparição, Lúcia revela como passava ora pela prostração ora pela paz, aquando da aparição do Anjo. À distância a que escreve, Lúcia, agora, fala dos efeitos de paz e de alegria que a visão da Senhora causava nos três, sobretudo no Francisco.

A aparição de Nossa Senhora veio de novo a concentrar-nos no sobrenatural, mas mais suavemente: em vez daquele aniquilamento na Divina Presença, que prostrava, mesmo fisicamente, deixou-nos uma paz e alegria expansiva que nos não impedia falar, em seguida, de quanto se tinha passado. No entanto, a respeito do reflexo que Nossa Senhora, com as mãos, nos tinha comunicado e de tudo o que com ele se relacionava, sentíamos um não sei quê interior que nos movia a calar.³²

A confissão de todos estes elementos, feita por Lúcia, anos mais tarde, contém uma dimensão espiritual e de maturação pessoal, que não pode ter sido captada por Formigão, na ocasião dos interrogatórios. Aquilo que ele foi divulgando, a modo seu, convicto da veracidade da 1ª aparição, era verdade, mas não era a verdade toda. A aparição da Senhora era uma realidade captada como luz indescritível, como beleza suprema e como voz doce e suave. Estes elementos avassalaram os videntes, que, de modo adequado, os testemunharam e fielmente os reproduziram.

“Suave e místico encanto”

A expressão traduz o sentimento de Formigão a respeito dos acontecimentos de Fátima, quer no confronto com o que os videntes diziam ter visto e ouvido quer no acompanhamento das peregrinações e celebrações nos dias 13, na Cova da Iria.³³

A partir do momento em que acreditou nos pastorinhos e fundamentou a sua veracidade, aquilo que impelia Formigão a escrever era o sentido de “maravilha” que o avassalara. A ideia de maravilhoso, extraordinário, sobrenatural, traduz a sua vivência perante um fenómeno surpreendente que a pouco e pouco se foi impondo por si e que encontra eco no seu discurso e nos títulos das suas publicações. Era algo que não podia calar. Como um tímido alto-falante, o seu primeiro opúsculo retoma o título dos artigos

³¹ *Memórias*, 139.141.143.

³² *Memórias*, 112.

³³ *As grandes maravilhas de Fátima*, Lisboa 1927, 138.

publicados no periódico da Guarda: “*Os episódios maravilhosos de Fátima*” (1921). Ao fim de dez anos, o seu livro com maior projecção é o de “*As grandes maravilhas de Fátima*” (1927). Retomando alguns artigos publicados antes, o texto deste livro apresenta com frequência expressões como estas: “acontecimentos maravilhosos”, “sucessos maravilhosos”, “fenómeno assombroso”. Quanto à concorrência de fiéis e às celebrações, fala de “espectáculo grandioso”, “espectáculo empolgante”, “charneca sagrada”, “planalto sagrado”, “imponente santuário”, “cantinho do Éden”, “pólo magnético das almas”, “terra sagrada e bendita”. A propósito do 13 de Maio de 1922, dia da 1ª aparição, Formigão escrevia assim: “Era uma visão do céu, que encantava e comovia até às fibras mais íntimas da alma”.³⁴

Perante tal espectáculo, Formigão não pode deixar de sentir um “suave e místico encanto”. No segundo artigo de “*Os Episódios*” escreve já de “uma romagem piedosa e inofensiva, que edifica, comove e encanta”. O seu arrebatamento tem algo da atmosfera espiritual que se encontra nos Salmos (*O Senhor faz maravilhas pelos seus amigos*: Sl 4,4) e perpassa no *Magnificat* de Maria, onde a exaltação das obras divinas toma rosto na predilecção dos pequeninos e dos fracos e na derrota dos potentes e orgulhosos: “*O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas*” (Lc 1,49).

Enquanto a imprensa prestava atenção ao “milagre de Fátima”, muitas vezes para o combater e denegrir, o P. Formigão, evitando a confusão que isso podia gerar, refugiou-se na transmissão da maravilha, da contemplação do sobrenatural, da alegria que tais eventos provocaram no seu ânimo pio, culto e crítico, procurando captar e definir as razões da “atração” das multidões à Cova da Iria, convicto de que os caminhos de Deus eram diferentes dos caminhos dos homens. O testemunho de Formigão anda ligado ao dinamismo de uma intuição e de uma experiência extraordinária, única: a experiência daquilo que é inefável, daquilo que não se vê, daquilo que não se sente, de uma transcendência difícil de definir por palavras. Aqui Formigão está em sintonia com o sobrenatural assim manifestado, entra no mundo da mística, que o projecta alto e que ao mesmo tempo o isola dos outros.

O entusiasmo e a vibração de espírito do P. Formigão “explodem” entre dois pólos de cariz eclesial, que funcionam como barreiras paradigmáticas. Por um lado, Formigão exulta por uma misteriosa intervenção de sobrenatural na pátria amada, como sinal do dedo de Deus, senhor da história e dos povos. Nos acontecimentos de Fátima ele adivinha a cura maternal da “celeste Padroeira”, qual promessa de vitória sobre as forças anti-religiosas que manietavam a Igreja em Portugal. Frequentes são os textos em que o seu patriotismo explode agradecido e exultante pelo sinal da Padroeira em Fátima.

Na redacção que fez dos apontamentos do interrogatório de 11 de Outubro de 1917, Formigão escrevia: “*No meu espírito ia-se radicando cada vez mais a convicção de que Fátima era o local destinado pela Rainha do Céu, Padroeira de Portugal, para teatro de novos prodígios da sua bondade e misericórdia*”.³⁵

No *Relatório da Comissão Canónica* (1930) Formigão alonga-se a mostrar a coincidência da aparição no dia 13 de Maio com a festa litúrgica da dedicação da igreja

³⁴ *As grandes maravilhas*, 145.

³⁵ DCF 1, 100, doc. 12.

de Nossa Senhora dos Mártires, como um grande sinal da predilecção da Padroeira por Portugal. “Esta igreja é a primeira da capital portuguesa em que, depois da reconquista, se celebrou o culto cristão”. No final do capítulo, Formigão fala da “acção benéfica da Rainha dos Anjos em prol do seu povo, de quem é a Padroeira” e gostaria de poder afirmar um indício de sobrenaturalidade na singular “concorrência desta festa com o primeiro dia das aparições”. Trata-se de uma argumentação apologética impregnada de um acendrado amor à Pátria que estava trilhando caminhos de infidelidade à fê cristã e que agora se confrontava com o mistério de um sinal privilegiado da predilecção divina.³⁶ Um argumento que não veio a ter grande fortuna!

O Prof. P. J. Geraldes Freire na introdução ao volume de *DCF 2* sobre o *Processo Canónico Diocesano* confirma esse estado de ânimo, afirmando que Formigão “mostra-se entusiasta, ardente, fervoroso e até apologista em capítulos como as nascentes de água miraculosa junto à capelinha, a devoção dos portugueses a Nossa Senhora e a protecção da Virgem a Portugal”.³⁷

Por outro lado, Formigão procura interpretar Fátima à luz de Lourdes, cujo santuário ele bem conhecia e admirava. Esta aproximação foi tão sistemática que se repercutiu na designação de “Lourdes portuguesa”³⁸, no “Credo de Lourdes”, no “Avé de Lourdes”, no modo como foi instaurado o serviço de doentes, na recolha dos “milagres” ou dos “prodígios assombrosos”, na procura de água miraculosa nas fontes em frente da capelinha. Com a convicção e alegria com que olhara para Lourdes, olhava agora para as maravilhas operadas pela Virgem de Fátima. O amor a Maria, que o levara a prometer em Lourdes o seu empenho na promoção desta devoção em Portugal, era o mesmo que agora consagrava à Virgem de Fátima.

Na árdua tarefa de acompanhar e divulgar “os acontecimentos de Fátima”, serviu-lhe de apoio a sua experiencia do santuário de Lourdes, no ano 1909. A cada passo, Formigão apela para Lourdes, procurando descortinar em Fátima os sinais maravilhosos que lhe foi dado viver junto da gruta de Massabielle. Quando fala de Fátima como o local escolhido pela Padroeira de Portugal qual “teatro de novos prodígios”, parece ter como pano de fundo o santuário pirenaico. Ao chamar a Fátima a “Lourdes portuguesa”, quase intuindo o futuro, estava a projectar Fátima como um foco extraordinário de vida eclesial. Um tal projecto transcendia-o em toda a linha, mas não lhe restava senão assumi-lo, com verdade e maravilha.

³⁶ Cf. *DCF 2*, 173.

³⁷ *DCF 2*, 10.

³⁸ *As grandes maravilhas*, 179.

Concluindo:

- Como testemunha auricular da 1ª aparição, o P. Formigão deve ser tido como testemunha privilegiada e fiel de tudo quanto os pastorinhos lhe revelaram.

- Como arauto da Mensagem de Fátima, ele foi um escrupuloso e zeloso interprete das palavras da Senhora aos pastorinhos.

- Como Formigão só escrevia aquilo que ouvia e como Lúcia só respondia às questões postas, deduz-se facilmente que Lúcia não dissesse logo tudo quanto sabia. Porque os três tinham prometido guardar segredo, e porque não estava incluído nas perguntas, o núcleo da 1ª aparição – “*quereis oferecer-vos a Deus...?*” – não aparece nos textos do P. Formigão.

- Deste núcleo, o P. Formigão terá conhecimento, só mais tarde, a partir da 2ª *Memória* de Lúcia (1937), escrita a pedido do bispo de Leiria. Por outro lado, sabemos que Formigão iniciou o movimento da Reparação, em ligação com a mensagem de Fátima e “o recado” da Jacinta, a partir de 1926, ou seja, uma década antes, o que nos leva a pensar que o núcleo da Mensagem foi percebido com palavras diferentes das que Lúcia utilizou mais tarde na 2ª *Memória*.

ARNALDO PINTO CARDOSO
Postulador da Causa de Canonização
Pe. Manuel Nunes Formigão

21.04.2012